

**A mão preguiçosa causa pobreza,
mas a mão dos diligentes enriquece. Provérbios 10:4 – Uma história proverbial por Ted
Hildebrandt e Chatgpt**

Na vila de Elmsworth , aninhada entre as colinas ondulantes e os bosques sussurrantes, viviam dois irmãos — Thomas e Eli. Embora tivessem nascido dos mesmos pais e sido criados sob o mesmo teto, suas vidas não poderiam ter sido mais diferentes.

Thomas era conhecido em toda a aldeia como um homem trabalhador. Levantava-se antes do sol nascer, cultivava a terra com cuidado e cuidava do gado com paciência. Seus campos eram viçosos, seu celeiro cheio e seu coração, contente.

Eli, por outro lado, tinha talento para desculpas. Sentava-se sob o velho salgueiro, dedilhando seu alaúde, alegando que a vida era curta demais para trabalhar. Desprezava as manhãs madrugadoras e as mãos calejadas de Thomas, recusando-se a trabalhar em seus próprios campos; em vez disso, optou por uma vida de vadiagem e lazer. "Por que eu deveria trabalhar até os ossos se a terra provê naturalmente? O sol nasce e se põe, quer trabalhemos ou não." Eli vendeu uma parte de suas terras para comprar vinho e mel. "Qual o sentido da riqueza se não for para aproveitá-la?", disse a si mesmo.

Numa manhã fresca de outono, Thomas convidou Eli para ajudar na colheita. "O trigo está maduro e a chuva está chegando", insistiu Thomas. "Dê uma mãozinha e podemos terminar antes que o tempo vire." Eli o dispensou com um sorriso preguiçoso. "Você se preocupa demais, irmão. Deixe o sol secar e o vento peneirar. Eu ajudo amanhã."

O amanhã chegou e passou, e a tempestade também. Os ventos uivavam pelo vale, e a chuva caía torrencialmente, destruindo os campos de trigo. Tomé salvou o que pôde, mas a colheita negligenciada de Eli estava arruinada. Ele vagou atrás da tempestade, olhando para sua terra encharcada com desânimo.

No inverno, Thomas havia estocado grãos suficientes para durar até a primavera e até vendeu o excedente no mercado da aldeia. Eli, porém, encontrou seus armários vazios. A fome invadiu sua casa como uma sombra.

Envergonhado, mas desesperado, ele foi até a porta de Thomas. Thomas a abriu com um olhar cúmplice. "Entre, irmão", disse ele gentilmente, dividindo seu pão e sua sopa.

"Não achei que faria diferença", confessou Eli, aquecendo as mãos perto do fogo. "Um dia aqui, um dia ali... Achei que tinha tempo." Eli, envergonhado, confessou: "Irmão, desperdicei minha parte dos campos da família."

Thomas assentiu lentamente. "Você se lembra do que meu pai costumava dizer?", perguntou, olhando para as chamas. "'A mão preguiçosa causa pobreza, mas a mão dos diligentes enriquece.'"

Eli abaixou a cabeça. O provérbio ecoou em sua mente como um sino.

Com a chegada da primavera, uma mudança se instalou em Eli. Ele acordava cedo com Thomas, ia para o campo com pá e enxada, e ouvia mais do que falava. Embora seus músculos doessem e os dias parecessem longos, algo novo se enraizou nele — orgulho e um senso de propósito.

Na colheita seguinte, o campo de Eli brilhava dourado. Ele colheu o que havia semeado com as próprias mãos e, pela primeira vez, seu celeiro estava cheio.

Os aldeões começaram a falar dos irmãos — não como opostos, mas como uma dupla que demonstrava que a mudança sempre era possível. E sempre que uma criança em Elmsworth reclamava das tarefas domésticas ou se esquivava de seus deveres, seus pais sorriam e contavam a história de Thomas, Eli e a verdade atemporal: *"A mão preguiçosa causa pobreza, mas a mão dos diligentes enriquece."*